

Boa Nova para cada dia / fevereiro 2016

Gonçalo Miller Guerra, s.j. (Semanas)

Marco Cunha, s.j. (Domingos)

Tempo Comum – Apresentação do Senhor

Tempo da Quaresma – Cinzas / Cadeira de São Pedro

Seg, 1 – SEMANA IV DO TEMPO COMUM

2 Sam 15, 13-14.30; 16, 5-13a / Slm 3, 2-7 / Mc 5, 1-20

E pediram a Jesus que Se retirasse do seu território. (Evang.)

Jesus chega, cura e com isso mata dois mil porcos, que são o ganha pão de algumas pessoas. Claro que depois as pessoas O querem pôr dali para fora. Nós somos amigos de ajudar (somos?) desde que isso não nos baixe o nível de vida que todos achamos já não ser alto. Ficarmos com menos dinheiro para ajudar outros é inconcebível. Talvez ajudemos desde que não o sintamos na carteira. É uma ajuda de quem não tem compaixão.

Ter, 2 – APRESENTAÇÃO DO SENHOR (Festa)

Mal 3, 1-4 ou Hebr 2, 14-18 / Slm 23 (24), 7-10 / Lc 2, 22-40 ou 2, 22-32

Simeão recebeu-O em seus braços. (Evang.)

Será que temos o Menino nos braços? (O que é que temos no nosso coração?) Que generosidade temos nós? Que capacidade de nos sacrificarmos pelos outros? Que capacidade de nos desinstalarmos? Que capacidade de pormos os nossos talentos a render? Como é que ajudamos os mais pobres? Como é que repartimos? Temos o Menino ou a nós próprios nos braços?

Qua, 3 – SEMANA IV DO TEMPO COMUM

2 Sam 24, 2.8b-17 / Slm 31 (32), 1-2.5-7 / Mc 6, 1-6

Não é Ele o carpinteiro? (Evang.)

Para as pessoas reconhecerem a palavra de Jesus precisavam de ter o seu coração livre de preconceitos, neste caso, que de um carpinteiro não podiam sair coisas muito espantosas. Daí que tivessem passado ao lado da salvação. Os nossos preconceitos, as nossas ideias feitas também nos fecham à novidade da palavra de Deus. Porque fazem com que a interpretemos sempre da mesma maneira. O Espírito Santo precisa de um coração aberto. Peçamo-lo e esforcemo-nos.

Qui, 4 – SÃO JOÃO DE BRITO (Memória)

1 Reis 2, 1-4.10-12 / 1 Cr 29, 10-11ab.11c-12ab.12c-13 / Mc 6, 7-13

Quando entrardes em alguma casa, ficai nela até partirdes dali. (Evang.)

Curiosa esta diretiva de Jesus. Qual seria o interesse de não mudarem de casa enquanto estivessem em determinado lugar? Para terem um sítio fixo para descansar, para rezar, para assentar, em que se sentissem acolhidos e não se deixassem andar numa roda viva? Há muitas pessoas a quem ajuda terem sempre o mesmo sítio para rezar. (Outras não.) O importante é que cada um reze como se sentir mais próximo(a) de Deus. É assim que o leitor faz?

Sex, 5 – SANTA ÁGUEDA (Memória)

1ª SEXTA-FEIRA

Sir 47, 2-13 / Slm 17 (18), 31.47.49ac.50-51ab / Mc 6, 14-29

Herodes respeitava João. (Evang.)

Respeitava João e, no entanto, mandou-o matar, apanhado na armadilha que o seu estilo de vida lhe montou. É uma armadilha que nos ameaça a todos. Um dia, não queríamos acompanhar amigos a tal sítio mas fomos porque era costume. Não estamos de acordo com tal coisa (importante) em casa mas demitimo-nos porque nunca demos a nossa opinião. Às vezes, ser cristão implica romper com alguma coisa. Às vezes, ser cristão dói. Ao leitor não?

Sáb, 6 – SS. PAULO MIKI E COMPANHEIROS, MÁRTIRES (Memória)

1º SÁBADO

1 Reis 3, 4-13 / Slm 118 (119), 9-14 / Mc 6, 30-34

Vinde Comigo para um lugar isolado e descansai um pouco. (Evang.)

Aqui há uns meses insisti com uma amiga para que fizesse precisamente isto. Ela fez. Já estava meia decidida. É muito importante pararmos. E, para nós católicos, com Cristo. Não digo fazer um retiro, digo parar. Amar-nos. Parar faz parte do amor que nos devemos a nós próprios. Todos contribuímos – mais ou menos – para o descanso daqueles que nos estão próximos. Nós também temos que conseguir descansar.

Dom, 7 – DOMINGO V DO TEMPO COMUM – Ano C

Is 6, 1-2a.3-8 / Slm 137 (138), 1-5.7c-8 / 1 Cor 15, 1-11 / Lc 5, 1-11

Simão Pedro, antes de se tornar num homem de fé sólida e de receber a missão de nos confirmar na fé, fez um percurso de vida cheio de paixões impulsivas e de incertezas mesmo em relação a Jesus. Na verdade, Ele percorreu um itinerário que cada um de nós é chamado a percorrer na sua vida.

O Evangelho de hoje mostra-nos como aqueles homens, que estavam na barca com Jesus, depois de uma noite de trabalho em vão, depois de escutarem os ensinamentos de Jesus, recebem esta estranha ordem: «lançai as redes ao mar». Parece até um pouco ofensivo que Ele diga a profissionais como devem fazer o trabalho deles.

Eles sabem que é de noite que se pesca!

Esta barca, pequena e frágil, que navega no mar é imagem da Igreja, lugar dos «ouvintes» da Palavra, lugar daqueles que seguem Jesus, Aquele que escuta perfeitamente o Pai e por isso Lhe obedece. Estes pescadores que estão com Jesus e escutam as suas palavras compreendem que são chamados a agir não tendo por fundamento as suas próprias forças ou confiando apenas na própria vontade, mas que a fertilidade daquilo que farão está precisamente na obediência à Palavra fecunda que é o Senhor.

Simão Pedro mostra-nos como a sua esterilidade, representada

por uma noite de trabalho infrutífero, o seu pecado reconhecido e o seu afastamento de Deus se tornam lugar não de fracasso mas de chamamento. Reconhecendo-se pecador, Pedro pode reconhecer a verdade de Deus, o seu dom de misericórdia e a sua própria verdade. Sente-se longe, pede mesmo ao Senhor que Se afaste dele, apercebe-se de não ser aquilo que pensava ser e por isso sente-se indigno.

A revelação de Deus só pode ser acolhida mediante o reconhecimento da nossa verdade. Reconhecer o nosso pecado pessoal é abrir a porta ao Senhor para que Ele nos possa dizer: «Não temas. Tem fé». Estas são as palavras que o Senhor dirige a quem O encontra na sua verdade. É neste momento em que Pedro se reconhece pecador que recebe a sua missão: ser pescador de homens!

O reconhecimento da salvação vem do perdão dos pecados: Simão será definitivamente Pedro e receberá a missão de

confirmar os seus irmãos na fé precisamente quando experimentar o máximo da sua fragilidade, negando o Senhor. Ele não perde a sua qualidade de rocha firme e de garantia de estabilidade para a fé da Igreja quando toma consciência da sua fragilidade extrema, mas torna-se ainda mais capaz de escutar, de obedecer à Palavra que é o Senhor.

Cada um de nós é também chamado, dentro da barca que é a Igreja, a confrontar-se com Jesus, a escutar a sua palavra, obedecendo-Lhe, e assim obter os frutos das bênçãos prometidas. Lucas quer mostrar-nos como escutar e obedecer à Palavra misericordiosa do Senhor nos leva a dar frutos de salvação para todos. Tal como em Maria a Palavra encarnou e ela pôde dar à luz Jesus, também em nós pode encarnar a Palavra e, assim, passarmos da esterilidade ao testemunho de Deus e sermos sinal visível e eficaz da sua presença salvífica.

Seg, 8 – SEMANA V DO TEMPO COMUM

1 Reis 8, 1-7.9-13 / Slm 131 (132), 6-7.8-10 / Mc 6, 53-56

... começaram a trazer os doentes nos catres. (Evang.)

Hoje em dia, levar as pessoas a Jesus é muito mais complicado. Mesmo as crianças. Os catequistas dizem que as crianças não

se interessam e que a culpa é dos pais. Os professores, que as crianças não aprendem porque os pais não as acompanham. Os pais, que se a escola não é boa, não conseguem fazer nada em casa. Conclusão, sendo a culpa sempre do outro, não vale a pena esforçar-me, já que o outro não aproveita o bom que sou. Deus só nos pede que tentemos.

Ter, 9 – SEMANA V DO TEMPO COMUM

1 Reis 8, 22-23.27-30 / Slm 83 (84), 3-5.10-11 / Mc 7, 1-13

E seguem muitos outros costumes a que se prenderam. (Evang.)

Caro leitor, o que é que faz pelos mais necessitados? Um dia, fiz esta pergunta a um grupo de pessoas. Responderam-me que eram ministros da comunhão, catequistas, etc. Costumes a que se tinham agarrado. As pessoas com fome agradecem muito. Neste país, onde a fome aumentou, o que é que faz para a minorar? Quando Deus nos perguntar se vestimos os nus, responderemos que íamos à missa todos os domingos e eramos ministros da comunhão. É isso?

TEMPO DA QUARESMA

Qua, 10 – QUARTA-FEIRA DE CINZAS

Joel 2, 12-18 / Slm 50 (51), 3-5.6a.12-14.17 / 2 Cor 5, 20 – 6, 2 / Mt 6, 1-6.16-18

... quando rezares, fecha-te no teu quarto. (Evang.)

Já ouvi uma conversa deste tipo: «Eu rezo o terço todos os dias e tu, se calhar, não rezas». Aqui, o terço, completamente desvirtuado, serve para nos sentirmos superiores. O mesmo se pode dizer com as associações piedosas, a ida frequente à missa, etc. Se a oração serve para nos autoengrandecermos já tivemos a nossa recompensa e o benefício da oração consumiu-se na presunção. A nossa oração faz parte da nossa intimidade, não é para exhibir.

Qui, 11 – QUINTA-FEIRA DEPOIS DAS CINZAS

Deut 30, 15-20 / Slm 1, 1-4.6 / Lc 9, 22-25

... tome a sua cruz. (Evang.)

Claro que para seguirmos Jesus temos que “tomar” a nossa cruz. Não se pode seguir Jesus deixando o sofrimento para trás. Só que com Jesus esse sofrimento é mais fácil de levar. Com Ele, a morte foi superada pela ressurreição. No meio do sofrimento que parece sem sentido, a união com Deus pode ajudar-nos muito. Daí que sofrer com Cristo ao nosso lado seja mais fácil, se bem que sofrer seja sempre muito difícil. É por isso que esta frase devia ter o sentido positivo de: «Segue-me, e o teu sofrimento custar-te-á menos».

Sex, 12 – SEXTA-FEIRA DEPOIS DAS CINZAS

Is 58, 1-9a / Slm 50 (51), 3-6a.18-19 / Mt 9, 14-15

De que nos serve jejuar...? (1ª Leit.)

Hoje é dia de abstinência. Vai fazer abstinência. (Ou fez?) Porquê? Porque a Igreja manda? E sabe porque é que a Igreja manda? Sabe o fundamento das coisas que a Igreja “manda” ou cumpre sem pensar? As orientações da Igreja têm que ser assimiladas pela sua consciência, têm que ser digeridas pelo leitor para poderem fazer parte de si. Senão são como uma cabeleira postiça, não nascem de dentro. Hoje peça a Deus uma consciência madura.

Sáb, 13 – SÁBADO DEPOIS DAS CINZAS

Is 58, 9b-14 / Slm 85 (86), 1-6 / Lc 5, 27-32

Porque comeis e bebeis com os pecadores? (Evang.)

Perguntavam os fariseus. De facto, os pecadores dão muito má reputação a quem os frequenta. É preciso caridade, que neste caso implica coragem, para “nos darmos com”, para “fazermos o que” os grupos a que pertencemos desaprovam. São ocasiões que nos definem, porque a necessidade de aprovação é muito forte. A nossa caridade (a caridade do leitor) é mais forte ou mais fraca?

Dom, 14 – DOMINGO I DA QUARESMA – Ano C

Dt 26, 4-10 / Slm 90 (91), 1-2.10-15 / Rom 10, 8-13 / Lc 4, 1-13

A partir dos desafios concretos da vida e da leitura atenta e orante da Bíblia, os antigos padres do deserto compreenderam que a tentação só se faz sentir para aqueles que procuram seguir a vontade de Deus. Assim, Santo Antão chega mesmo a dizer que «quem não é tentado, não será salvo»: isto significa que à medida que progredimos na intimidade com o Senhor, maiores são as oposições que sentimos dentro de nós. A vida espiritual, como diz São Paulo, é uma luta e por isso as tentações fazem parte da nossa experiência humana.

Muitas vezes, quando queremos tomar decisões para seguir a vontade do Senhor, somos postos diante de dificuldades externas. É frequente que, quando nos queremos dedicar mais a Deus, os outros nos queiram impedir dizendo que as nossas ideias não fazem sentido nenhum. Estas dificuldades são normalmente passageiras, mas à medida que procuramos uma vida em Deus e para Deus vão aumentando as lutas interiores: aparecem-nos na imaginação

coisas antigas, já passadas e que não podem ser mudadas, vêm-nos à mente dificuldades imensas que nos parecem verdadeiros monstros.

Isto pode levar-nos a pensar que o mal é uma força demasiado forte. Mas não é assim. A revelação de Deus diz-nos que é Ele o Deus criador. Foi Ele Quem nos fez e ao nosso mundo e viu que tudo era muito bom (cf. Gen 1, 10ss.). Mas a verdade é que todos experimentamos no nosso coração uma luta, por vezes muito difícil, para fazer o bem. Parece que alguma coisa dentro de nós nos quer impedir, mas não: o nosso coração é, na verdade, como um castelo onde mora o Espírito Santo! Nós não somos uma espécie de mistura entre o bem e o mal: somos criados à imagem e semelhança de Deus.

Todos somos tentados cada dia, mas somos chamados a fazer da tentação um caminho que nos faça crescer na maturidade dos filhos de Deus. Por isso, quando rezamos o Pai-Nosso não pedimos ao Senhor que nos livre das tentações, mas que não nos deixe cair no pecado.

O Evangelho de hoje mostra-nos, de forma muito simbólica e sintética, como Jesus, o «Santo de Deus», foi tentado e como respondia às tentações durante toda a sua vida. As três formas fundamentais como a tentação se apresenta ao Senhor são também as formas como se apresenta a cada um de nós: em relação às coisas, às pessoas e a Deus. Para responder à tentação, Jesus usa sempre a Palavra de Deus. Ele não diz, por exemplo, que o pão não seja importante: é de facto muito importante! Jesus responde que, embora o pão seja importante, há coisas mais im-

portantes na vida, como saber que Deus é Pai e que confiar n'Ele nos ilumina e dá sentido aos nossos dias. Uma coisa sem excluir a outra! A tentação tenta convencer-nos de que Deus Se opõe à nossa felicidade, que nos impede de fazer coisas que gostaríamos muito de fazer, mas Jesus mostra-nos que é só uma questão de saber quem vem em primeiro lugar! Nós somos de Deus e para Deus e é n'Ele que realizamos a nossa existência. Ele não nos quer tirar nada, pelo contrário, dá-nos tudo! É uma questão de prioridades.

Seg, 15 – SEMANA I DA QUARESMA

Lev 19, 1-2.11-18 / Slm 18 B (19), 8-10.15 / Mt 25, 31-46

Quantas vezes o deixastes de fazer a um dos meus irmãos mais pequeninos, também a Mim o deixastes de fazer. Estes irão para o suplício eterno e os justos para a vida eterna. (Evang.)

Hoje o Evangelho diz: «Tive fome e destes-Me de comer; tive sede e destes-Me de beber; era peregrino e Me recolhestes; não tinha roupa e Me vestistes...». E diz que quem não fizer isto vai para o inferno. Mas eu acho que ninguém acredita, apesar de Jesus o ter dito, que não se fazendo estas obras se vá para o inferno. O drama é esse. O leitor acredita?

Ter, 16 – SEMANA I DA QUARESMA

Is 55, 10-11 / Slm 33 (34), 4-7.16-19 / Mt 6, 7-15

... pensam que serão atendidos por falarem muito. (Evang.)

O sermos atendidos depende da nossa sintonia com a vontade de Deus. Deus não nos concede o que não é da sua vontade. Temos que rezar e abandonar-nos. Pedirmos, sobretudo, o Espírito Santo, a confiança em Deus. E rezar por intermédio de Nossa Senhora, que teve que se abandonar completamente para depois assistir à ressurreição do seu filho.

Qua, 17 – SEMANA I DA QUARESMA

Jonas 3, 1-10 / Slm 50 (51), 3-4.12-13.18-19 / Lc 11, 29-32

... porque fizeram penitência ao ouvirem a pregação de Jonas. (1ª Leit.)

Há pessoas que entendem que as penitências corporais, que infligem dor ao próprio e não contribuem para a felicidade de ninguém, deviam ser substituídas por atos de amor ao próximo. Se deixamos a penitência corporal, não podemos deixar o esforço, o esforço de amar sempre mais, o que, às vezes, também dói. Peçamos força para amar.

Qui, 18 – SEMANA I DA QUARESMA

Est 4, 17 n.p-r.aa-bb.gg-hh / Slm 137 (138), 1-2a.2bc-3.7c-8 / Mt 7, 7-12

O que quiserdes que os homens vos façam... (Evang.)

Este fazer aos outros o que gostaríamos que nos fizessem está na linha de amar os outros como nos amamos. E mesmo isso tem que ser discernido, porque eu posso gostar que me façam «x» e o outro não achar graça nenhuma. Aqui, a questão é adaptarmo-nos ao outro como gostaríamos que ele se adaptasse a nós. Sem nos impormos a ele mas estando atentos às suas necessidades. (Como temos que nos ir adaptando a nós e provendo às nossas necessidades.)

Sex, 19 – SEMANA I DA QUARESMA

Ez 18, 21-28 / Slm 129 (130), 1-4ab.4c-6.7-8 / Mt 5, 20-26

Se (...) te recordares que o teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa lá a tua oferta diante do altar... (Evang.)

No entanto, se formos a parte ofendida, é natural que estejamos magoados ou até que tenhamos tido que cortar relações com alguém. Às vezes, temos que ser duros com os outros. Não podemos é ter ódio, desejar mal a alguém, mas temos que nos defender de quem nos faz mal. Neste aspeto, se tiver dúvidas, recorra a alguém que não decida por si mas que o ajude a pensar.

Sáb, 20 – SEMANA I DA QUARESMA

Deut 26, 16-19 / Slm 118 (119), 1-2.4-5.7-8 / Mt 5, 43-48

Sede perfeitos como o vosso Pai é perfeito. (Evang.)

Se não fosse Jesus a dizer isto, eu responderia: «Deves estar a brincar comigo». Tendo sido Jesus a dizê-lo, pergunto-me: «Será que Jesus dizia assim umas coisas (impossíveis) para nos animar?» Parece-me que isso seria muito infantilizante. É impossível sermos iguais a Deus. Mas não é impossível amarmos quanto pudermos, que é o que Deus faz. O leitor reze sobre isto.

Dom, 21 – DOMINGO II DA QUARESMA – Ano C

Gn 15, 5-12.17-18 / Slm 26 (27), 1.7-9.13-14 / Fil 3, 17 – 4, 1 / Lc 9, 28b-36

O Evangelho de hoje relata-nos o episódio da Transfiguração do Senhor. Às vezes, pensamos neste episódio e imaginamos que o Senhor muda espetacularmente de forma, que o Senhor Se transforma ali, à frente dos discípulos, e tentamos imaginar como terá sido e com isto podemos perder de vista aquilo que o Senhor nos está a dizer.

Nesta passagem é importante para nós notar que a glória de Deus faz resplandecer a vida. Os rostos de Moisés e Elias também estavam brilhantes enquan-

to falavam com o Senhor. Na verdade, o encontro com Deus deixa sempre os seus sinais na nossa vida, muda o modo como olhamos para o mundo e também o modo como somos vistos. Basta que pensemos como quando nos sentimos amados tudo parece melhor, as pessoas mais bondosas, os desafios da vida mais fáceis. Quando somos mais generosos e fazemos alguma coisa por amor tornamo-nos transparentes ao Amor de Deus e ficamos, também nós, mais «brilhantes» e parece que

o rosto dos outros é também ele resplandecente.

Jesus, no monte, estando em oração está com o Pai e por isso o seu rosto resplandece no Amor. Se ao lado de Jesus estivessem pessoas que não O amassem, se calhar não veriam nada de extraordinário: é a luz do Amor que permite a Pedro, Tiago e João verem o Senhor como Ele é na verdade: o extraordinário nesta passagem é que estes homens se tenham aberto de tal maneira ao Amor do Senhor que, por alguns instantes, puderam ver como Ele é na sua glória. Por isso podemos dizer com certeza que o Amor transforma o mundo. É o Amor que nos permite olhar à nossa volta e contemplar o mundo como ele é na verdade. O pecado que nos leva ao medo, à inveja, ao egoísmo... faz-nos ver um mundo distorcido, que não corresponde à Verdade que é aquela do olhar do Senhor. Aquele que ama vê melhor,

porque se deixa iluminar pelo Espírito Santo de Deus que é o Amor. Quem ama vê o mundo tal como ele é na Verdade. É o Amor quem revela a verdadeira natureza de cada um de nós.

Assim, ao longo de todo o Evangelho, São Lucas insiste muito na importância da oração, relatando diversos episódios em que o Senhor está a rezar. A oração e os sacramentos são para nós o respirar da vida cristã, ocasião para o encontro filial que nos realiza na Verdade. Só no encontro com o Senhor podemos conseguir a graça de um coração puro que veja Deus em todas as coisas e todas as coisas n'Ele. A oração de cada dia é, também para nós, ocasião para sermos verdadeiramente transfigurados pelo Senhor e assim, com o coração lavado pelo seu Amor e transparentes à sua vontade amorosa, poderemos também nós olhar à nossa volta e ver o mundo como Ele o vê.

Seg, 22 – CADEIRA DE SÃO PEDRO, APÓSTOLO (Festa)

1 Pe 5, 1-4 / Slm 22 (23), 1-6 / Mt 16, 13-19

Quem dizem os homens que Eu sou? (Evang.)

Naquele tempo, Jesus referia-Se ao que diziam d'Ele. Agora tem que ser que testemunho damos d'Ele. Em que é que se verá que somos cristãos? Em amarmos quem nos faz mal, o que não é nada fácil, porque também nos temos que proteger. Amar os

outros como a nós próprios. O que implica que nos amamos, não que nos estragamos. E amar a Deus com todo o nosso ser. (Em linguagem simples, «o mais que formos capazes».) O leitor reze sobre isto.

Ter, 23 – SEMANA II DA QUARESMA

Is 1, 10.16-20 / Slm 49 (50), 8-9.16bc-17.21.23 / Mt 23, 1-12

Quem se exalta será humilhado. (Evang.)

Se se acha melhor que os outros é porque está muito longe de Deus. A misericórdia, o acolhimento, a compreensão são características de Deus. Como somos seus filhos, também têm que ser características nossas. Como é que o leitor reage perante os crimes que aparecem nos jornais? É misericordioso? Reza pelos pecadores? Ou fica a atirar pedras no quente da sua casa? Peça um coração misericordioso.

Qua, 24 – SEMANA II DA QUARESMA

Jer 18, 18-20 / Slm 30 (31), 5-6.14.15-16 / Mt 20, 17-28

Quem entre vós quiser tornar-se grande seja vosso servo. (Evang.)

No Reino, a grandeza vem do serviço. O serviço é estar atento e agir consoante. Mas não é servir muito para se sentir o máximo e pensar mal dos que acha que não servem. Isso é servir-se dos outros. Servir os outros é amá-los quando não lhe apetece nada, ou – para algumas personalidades – deixá-los em paz, sem impor a sua presença/conversa. Reze sobre isso.

Qui, 25 – SEMANA II DA QUARESMA

Jer 17, 5-10 / Slm 1, 1-2.3.4.6 / Lc 16, 19-31

... também não se deixarão convencer se alguém ressuscitar dos mortos. (Evang.)

Se não estamos sintonizados com Deus, perdemos a perceção dos seus sinais, por mais espetaculares que sejam. Para um coração notar os sinais de Deus tem que sentir falta de Deus. Por isso

ligou-se a Ele. Por isso está alinhado com os valores de Deus, tem empatia com Deus. Senão, não O vai reconhecer. O leitor peça esta graça.

Sex, 26 – SEMANA II DA QUARESMA

Gen 37, 3-4.12-13a.17b-28 / Slm 104 (105), 16-17.18-19.20-21 / Mt 21, 33-43.45-46
Ser-vos-á tirado o reino de Deus e dado a um povo que produza os seus frutos. (Evang.)

Achamos nós que nos será tirado o reino de Deus se não dermos frutos? Normalmente, não. E vamos dando uns frutos mais ou menos. Mas se acreditássemos no que Jesus diz, já o caso mudaria de figura, nem que fosse por medo de irmos para o inferno. Andaríamos a ver se dávamos frutos e se eram bons. Mas nós não temos medo. Será que vamos ter alguma surpresa?

Sáb, 27 – SEMANA II DA QUARESMA

Miq 7, 14-15.18-20 / Slm 102 (103), 1-2.3-4.9-10.11-12 / Lc 15, 1-3.11-32
Este homem acolhe os pecadores e come com eles. (Evang.)

Há sempre pessoas que, se nos dermos com elas, vemos o nosso bom nome perigar. E há pessoas que dizemos que as conhecemos porque achamos que ganhamos lustro. No fundo, estamos longe de ser todos irmãos, filhos do mesmo Pai. É bonito dizer isso na Igreja, na nossa Igreja que tem uma hierarquia fortíssima, cheia de gente importante. O que é que o leitor faz para que este estado de coisas não se mantenha?

Dom, 28 – DOMINGO III DA QUARESMA – Ano C

Ex 3, 1-8a.13-15 / Slm 102 (103), 1-4.6-8.11 / 1 Cor 10, 1-6.10-12 / Lc 13, 1-9

A moral cristã distingue dois tipos de pecados: aqueles que fazemos ativamente e as omissões do bem que poderíamos ter feito e não fizemos. O Evan-

gelho de hoje apresenta-nos a parábola da figueira estéril que nos mostra como Se comporta o Pai com cada um de nós. Ele dá-Se a Si mesmo continua-

mente e os seus dons, que são tão numerosos, têm uma constante que é gerarem vida. Ele dá vida para que esta se desenvolva e cresça. Assim, espera de nós que aceitemos esta vida que vem d'Ele. Isto, na verdade, significa que a nossa resposta de amor tem como consequência a nossa própria realização como filhos muito amados, já neste mundo.

O pecado é não reconhecer que Deus é o Pai bondoso e misericordioso que Jesus nos mostrou. A consequência não é um castigo que vem de fora, dado por Deus, mas antes o ficarmos fechados na nossa incapacidade de realizar o plano de amor de Deus para cada um de nós. Tal como aquilo que se espera de uma figueira é que ela dê frutos, de cada um de nós Deus, Pai misericordioso no Amor, espera frutos de amor, e o primeiro e fonte de todos é a conversão do nosso coração.

O que será pior: não fazer o bem ou fazer o mal? Pecar por omissão ou por ação? Na verdade, não são assim tão diferentes os pecados por omissão ou por ação, porque em ambos os casos estamos a omitir o grande dom da vida que é a nossa liberdade. Esta é a capacidade de fazer o bem ao qual

somos chamados, para o qual somos criados. Fazer o bem e evitar o mal são exigências da nossa identidade como filhos de Deus. Exigências que, na verdade, fazem-nos bem e realizam a nossa identidade pessoal. Fazer o bem e evitar o mal faz de nós pessoas alegres e felizes porque realizadas naquilo para o qual fomos criados: o amor do Pai.

Com a vinda de Jesus seria então de esperar que todos vivêssemos com o coração centrado n'Ele e vivêssemos já no amor. Mas não é assim. Por isso, Deus dá-nos «mais um ano» para que nos convertamos e possamos dar frutos de amor. O Evangelho deste domingo mostra-nos como Deus olha para o espaço e tempo de cada um de nós: estes são a ocasião para a nossa conversão. Se a história avança e o tempo continua é para que todos nós possamos encontrar a ternura de Deus que é Pai, bom e misericordioso. Ele quer que todos os homens e todas as mulheres de todos os tempos e todos os lugares sejam salvos, que conheçam a Verdade.

Jesus mostra-nos que o juízo de Deus é a oferta do perdão: cada momento da vida não é senão «mais um ano» de possibilidades para a conversão. E

é este o sentido mais profundo da história: cada instante é «mais um ano» da misericórdia de Deus, o «ano» da dilatação da salvação até aos confins do mundo, uma dilatação do julgamento de Deus que é, na verdade, o perdão. Deus não quer que nenhum dos seus filhos se perca, mas quer que

todos tenhamos a possibilidade de O encontrar. Este «ano» que nos oferece o Senhor é a oportunidade para reconhecer a sua vontade e deixarmos que seja Ele Quem converte o nosso coração.

O tempo continua e avança porque «eterna é a sua misericórdia»!

Seg, 29 – SEMANA III DA QUARESMA

2 Reis 5, 1-15a / Slm 41 (42), 2-3; 42 (43), 3-4 / Lc 4, 24-30

... *passando pelo meio deles, seguiu o seu caminho.* (Evang.)

Jesus apresenta, no episódio de hoje, uma dignidade que também devemos ter. Nunca ouvimos Jesus queixar-Se do mal que Lhe fazem. Jesus é sempre digno, o que não quer dizer que, em privado, Jesus não sofra, como nos mostra a agonia. Mas é digno. Não tem autopiedade. Fazemos o mesmo em vez de nos queixarmos e de andarmos a falar do mal que nos fazem.



www.passo-a-rezar.net



ANOS DE ORAÇÕES DIÁRIAS

26.000 Seguidores no Facebook
2 milhões de downloads em 2015
